

A CRISE DAS REVISTAS CIENTÍFICAS INDEPENDENTES NA AMÉRICA LATINA

Na América Latina, a ciência tem crescido de forma constante em número de pesquisadores, projetos e publicações. No entanto, esse progresso convive com uma realidade pouco visível: a fragilidade das revistas científicas independentes que, durante décadas, sustentaram a circulação de conhecimento pertinente para a região. Essas publicações —entre elas *Interciencia*— têm sido espaços de encontro interdisciplinar, formação editorial e difusão aberta. Hoje enfrentam uma crise que ameaça sua continuidade e exige uma resposta coletiva.

O problema é estrutural. Manter uma revista com revisão por pares, padrões éticos, edição profissional, preservação digital e difusão internacional requer recursos estáveis que, na maioria de nossos países, são escassos ou inexistentes. As revistas independentes não pertencem a grandes editoras comerciais nem contam com subsídios estatais contínuos; sobrevivem graças a taxas modestas de publicação, apoios pontuais de instituições e ao enorme trabalho voluntário de editores, revisores e colaboradores técnicos. Esse modelo, que sustentou a comunicação científica durante décadas, tornou-se insustentável diante do aumento dos custos e da pressão de um mercado editorial global altamente concentrado.

A essa precariedade soma-se um fenômeno alarmante: a proliferação de revistas predatórias ou fraudulentas que imitam nomes e formatos de publicações legítimas para enganar autores, cobrar tarifas abusivas e prometer indexações inexistentes. Essas práticas confundem jovens pesquisadores, corroem a confiança na comunicação científica e prejudicam a reputação de revistas sérias. *Interciencia* teve de advertir repetidamente sobre sites que falsificam sua identidade editorial.

A dinâmica global também pressiona os pesquisadores a privilegiar revistas internacionais com altos indicadores de impacto, muitas vezes desconectadas dos problemas e contextos latino-americanos. Os sistemas de avaliação acadêmica —frequentemente centrados em métricas importadas e rankings internacionais— reforçam essa tendência e enfraquecem as publicações regionais, que oferecem espaços essenciais para a pesquisa aplicada, a inovação social e a reflexão crítica sobre nossos próprios desafios.

Nem tudo é adverso. A transformação digital e a cooperação regional oferecem ferramentas para fortalecer a visibilidade e a credibilidade das revistas independentes. O acesso aberto responsável, a adoção de identificadores persistentes como DOI e ORCID —um esforço no qual *Interciencia* atua ativamente para fortalecer a rastreabilidade e a integridade de seus conteúdos—, os sistemas de preservação digital e as

redes cooperativas como SciELO, Redalyc e Latindex demonstraram que é possível ampliar o alcance sem renunciar à identidade latino-americana. No entanto, para que essas iniciativas sejam sustentáveis, é preciso mais do que resiliência editorial: é indispensável o compromisso ativo de universidades, institutos de pesquisa e sistemas nacionais de ciência e tecnologia.

Os órgãos públicos devem reconhecer que a edição científica é um serviço estratégico e financiá-la como um bem público, do mesmo modo que se investe em laboratórios, bibliotecas ou redes de dados. As universidades deveriam apoiar ativamente as revistas nas quais seus acadêmicos publicam, não apenas com aportes econômicos, mas também com infraestrutura, serviços técnicos, formação profissional de editores e reconhecimento institucional do trabalho editorial. Do mesmo modo, os sistemas de avaliação científica precisam superar o viés que confunde qualidade com métricas globais e valorizar o conhecimento relevante para o desenvolvimento local e regional.

Os pesquisadores também têm um papel fundamental. Antes de enviar seus trabalhos, devem verificar a legitimidade das revistas, apoiar aquelas que mantêm processos rigorosos e evitar alimentar o negócio das revistas predatórias. Publicar em uma revista independente e regional não é um ato de menor prestígio: é uma escolha consciente pela autonomia científica e pela diversidade editorial que a América Latina necessita para construir seu próprio futuro.

A crise das revistas científicas independentes não é apenas um problema econômico; é o reflexo de um sistema que ainda não assumiu plenamente a soberania intelectual e a solidariedade regional como princípios orientadores. Se a América Latina aspira produzir conhecimento relevante para seu desenvolvimento e dialogar com o mundo em condições de dignidade, deve proteger os canais de comunicação que construiu com esforço durante décadas.

A partir de *Interciencia*, renovamos nosso compromisso com uma ciência aberta, rigorosa e situada nas realidades do continente. Ao mesmo tempo, fazemos um chamado às comunidades científicas, instituições, formuladores de políticas públicas e financiadores: apoiar as revistas independentes não é um gesto nostálgico nem romântico, mas um investimento estratégico. Da sua força depende que a ciência latino-americana mantenha sua voz própria, plural e crítica, capaz de oferecer soluções aos grandes desafios sociais, ambientais e tecnológicos do nosso tempo.

ANA RAQUEL PICÓN ÁVILA
Editora (E)
INTERCIENCIA